

MÁQUINA ORGÂNICA

TRIPTYQUE

HARMONIA 57

Arquitetos: Greg Bousquet, Carolina Bueno, Guillaume Sibaud e Olivier Raffaelli

Diretor de projeto: Tiago Guimarães

Equipe: Laura Bigliassi, Isabella Gebara, Tiago Guimarães, Felipe Hess, Bob Van den Brande, Flavio Miranda, Renata Pedrosa, Marc Roca Bravo, Bruno Simões, Filipe Troncon

Paisagismo: Peter Webb

Construtora: Bassani + BGF

Consultores: Aparecido Donizete Dias Flausino + Guilherme Castanha (hidráulica, HQE)

Localização: São Paulo, Brasil

Área: 1.100 m²

Custo: R\$ 380.000

Anos: 2007-2008

O projeto na Rua Harmonia encontra-se localizado em um bairro onde a vida artística e a criatividade fluem com facilidade, onde as galerias e as paredes misturam-se e funcionam como um cenário para novas formas de expressão. O beco em frente ao edifício é um bom exemplo, com seus grafites fluindo da rua para o edifício.

Como um corpo vivo, o edifício respira, transpira e se modifica, transcendendo sua inércia.

As paredes são grossas e estão cobertas externamente por uma camada vegetal. Esta densa parede é feita de um concreto orgânico poroso, onde crescem várias espécies vegetais, conferindo às fachadas um aspecto único.

Nesta grande máquina, onde a água de chuva e do solo é drenada, tratada e reutilizada, forma-se, no local, um complexo ecossistema. Como na teoria de Deleuze, este ecossistema é um universo multifuncional constituído por várias máquinas interconectadas. É uma zona de multiplicidades, onde significados e ações fluem entre o não-dito, resultando em entidades dinâmicas.

As “entranhas” do edifício encontram-se expostas nas fachadas, enquanto que os espaços interiores têm um acabamento claro e luminoso, como se o edifício estivesse do avesso. O encanamento do edifício todo, do mesmo modo que as bombas e o sistema de tratamento de água, é aparente, ficando visível nas paredes exteriores, abraçando-as como se fosse as veias e as artérias de um corpo humano.

O edifício é uma espécie de massa cinzenta neutra, esculpida e deformada. Sua estética é o resultado de um processo: uma estrutura pouco trabalhada, com certa elegância primitiva, e, ao mesmo tempo, um reflexo da preocupação atual no que diz respeito às questões ambientais e às

pesquisas das diversas formas de intervenção. O volume é simples, mas, também, singular: dois grandes blocos cobertos de vegetação, com suas janelas de vidro e varandas que se conectam por meio de uma ponte metálica para pedestres. Entre os blocos, uma praça interna abre-se como uma clareira, que funciona como lugar de encontro.

As varandas encontram-se distribuídas em cada andar, gerando um jogo visual entre os volumes, a iluminação e a transparência nos espaços internos. O bloco da frente está completamente suspenso, levitando sobre pilotis, enquanto que o bloco posterior é sólido e complementa-se com um volume com forma de gaiola.

Como um organismo vivo, as janelas abrem-se para o exterior com seus lábios de concreto, e as varandas recortam-se do volume principal em diferentes pontos, à maneira de olhos que observam a cidade de diferentes pontos de vista. Por sua vez, uma gigantesca boca de concreto convida os automóveis a serem tragados para o interior do edifício.

O resultado deste conjunto é um edifício que propõe uma nova perspectiva da “arquitetura viva”.

DO MEMORIAL DOS AUTORES



